

**PRÁTICAS TRADICIONAIS RURAIS, AGRONEGÓCIO E
TRÂNSITOS CULTURAIS CONTEMPORÂNEOS:
CONTINUIDADES E MUDANÇAS EM SEBASTIÃO LEAL-PI, BRASIL*¹**

**PRÁCTICAS RURALES TRADICIONALES, AGRONEGOCIO Y
TRÁNSITOS CULTURALES CONTEMPORÁNEOS:
CONTINUIDADES Y CAMBIOS EN SEBASTIÃO LEAL-PI, BRASIL**

Marlúcia Valéria da Silva² & Camila Calado Lima³
valeriasil@uol.com.br & camilalima.ufrj@gmail.com
Universidade Federal do Piauí
Teresina, Brasil

RESUMEN

Investigación de campo desarrollada en Sebastião Leal, localidad del sudoeste de Piauí que conforma la región conocida como la última frontera agrícola de Brasil. Su extensa área rural, poblada originalmente por campesinos, tiene como ambiente en la actualidad la agricultura en gran escala, sostenida por los hijos de los campesinos del municipio y de la región, ahora contratados como recolectores asalariados. Presentando las particularidades teóricas que delinear el entendimiento de la cuestión, el trabajo tiene como objetivo comprender los cambios en curso en la localidad de Jenipapo provocadas por el agronegocio, apuntando algunos impactos verificados sobre los procesos colectivos allí verificados. El análisis delinea la práctica mencionada, situándola entre las permanencias en el lugar, interrelaciones externas varias y las nuevas realidades constituidas por la presencia del agronegocio, consiguiendo apuntar que la actual expresión de las prácticas colectivas revela cambios provocados por la intensificación de los tránsitos rural-urbano y global-local; por el agronegocio y por la racionalización de la vida; por la modificación de la extensión del mercado en la vida individual y colectiva y por la diversificación y expansión del consumo. El trabajo hizo uso de la etnografía, de la entrevista semiestructurada y de la fotografía para interpretar los modos de vida allí encontrados, destacando prácticas colectivas que han sostenido la reproducción de la agricultura de aprovisionamiento, en especial el adjunto⁴ de babasú (*Orbignya speciosa*).

Palabras claves: prácticas colectivas rurales, babasú, agricultura familiar de aprovisionamiento, agronegocio, tránsitos contemporáneos.

* Artículo recibido el 19 de agosto de 2014; aceptado el 15 de septiembre de 2014.

¹ A primeira versão deste trabalho foi publicada nos anais do V Encontro da Rede de Estudos Rurais, Campinas-SP-Brasil, setembro/2014. Pesquisa financiada pelo CNPq.

² Doutora em Sociologia Política – UFSC. Pós-doutora pelo CPDA-UFRRJ. Professora Associada da Universidade Federal do Piauí. Vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia-UFPI. E-mail: valeriasil@uol.com.br.

³ Doutoranda em Comunicação e Cultura Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq. E-mail: camilalima.ufrj@gmail.com

⁴ Adjunto é o termo pelo qual a localidade estudada –bem como diversas outras do Nordeste do Brasil–denominam o trabalho coletivo, seja na quebra do babaçu, seja no trabalho na roça.

ABSTRACT

Field research developed in Sebastian Leal, a small city located at southwestern of Piauí; region known as the last agricultural frontier in Brazil. His extensive rural area originally populated by peasants, is nowadays occupied by agriculture in scale, sustained by the sons of peasants of the city and of the region, now hired as seasonal workers. Introducing the theoretical characteristics that shape the understanding of the issue, this paper aims to understand the ongoing changes in Jenipapo locality, caused by agribusiness, pointing checked some impacts on the experienced collective processes. The analysis outlines the indicated practice, placing it between the stays of the place, external interpellations over and the new realities formed in the presence of agribusiness, managing to point out that the current expression of collective practices reflect changes brought about by the intensification of rural-urban and global-local transits; by agribusiness and the rationalization of life; the modification of market presence in individual and collective life and the diversification and expansion of consumption. The work made use of ethnography, semi-structured interviews and photography to interpret the ways of life found there, highlighting collective practices that have sustained playing the supply agriculture, particularly the *adjunto*, the collective breach of *babaçu* (*Orbignya speciosa*).

Key words: collective rural practices, babaçu, family farming supply, agribusiness, contemporary changes.

Introdução

Na atual conjuntura, marcada pela velocidade de trocas culturais e econômicas, as categorias rural e urbano podem ser interpretadas menos a partir de uma rigidez dicotômica e mais a partir de situações de interculturalidade, de incessantes diálogos e cruzamentos culturais que derivam tanto de deslocamentos físicos – migrações temporárias e deslocamentos turísticos –, quanto simbólicos. Contrariando uma pressuposição do rural e do urbano como matrizes unas e isoladas, as distâncias entre ambas têm se tornado cada vez menores a partir do advento das estradas e várias opções de transportes, e de trocas comunicativas e simbólicas, cada vez mais evidentes, em virtude dos *mass media* e das novas tecnologias da comunicação e informação. Neste sentido, rural e urbano se constituem não como polos opostos, mas como realidades interdependentes, complementares, em contínua formação⁵ e em constante diálogo, como se posicionam a maioria dos autores que tratam do fenômeno.

De modo geral, pode-se dizer que há uma dependência econômica, política, social e cultural do rural em relação ao urbano⁶; mas, simultaneamente, a emergência da questão ambiental, a gravidade da problemática urbana contemporânea, os surgimento do rural como espaço de

⁵ Carneiro, Maria José T, Ruralidade: novas identidades em construção, “*Estudos Sociedade e Agricultura*”, n.º 11, outubro 1998, 53-75. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>> Acesso em 25.ago.2010; Favareto, Arilson da Silva, A longa evolução da relação rural-urbano: para além de uma abordagem normativa do desenvolvimento rural. In: “*Ruris. Revista do Centro de Estudos Rurais-UNICAMP*”, Vol.1, n.º 1, março/2007. Disponível em:<<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/view/646>>. Acesso em: 02.jul.2010; Wanderley, Maria de Nazareth Baudel, *O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade*, Porto Alegre, Editora UFRGS, 2009, 263-310.

⁶ Wanderley, Maria de Nazareth Baudel, O lugar dos rurais: o meio rural no Brasil moderno, In: “*XXI Encontro da ANPOCS*”, 1997, Caxambu-MG, Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5213&Itemid=360>. Acesso em: 10 mai. 2014; MARQUES, Maria Inês M, Agricultura e campesinato no mundo e no Brasil: um renovado desafio à reflexão teórica, In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. (org.) *Campesinato: territórios em disputa*, São Paulo, Expressão Popular, 2008, 49-78.

preservação da qualidade de vida, a exigência de proteção da biodiversidade e de produção de energias limpas etc. têm tornado as áreas rurais em setor de novos investimentos, bem como de grande valia à qualidade de vida, ao bem-estar, ao estabelecimento de uma nova relação com a natureza⁷, conferindo a esse espaço outros sentidos, os quais apontam para o nascimento de uma nova ruralidade.

Embora se tratando de um novo fenômeno, resultante também das trocas estabelecidas com o urbano e o global, os ambientes rurais mantêm certa especificidade. Sendo assim, a caracterização de um espaço enquanto 'rural' implica na consideração de uma série de particularidades resultantes do modo de "ocupação do território, das formas de dominação social que tem como base material a estrutura de posse e uso da terra e outros recursos naturais",⁸ que interferem, inclusive, nas interações que os sujeitos constroem com a cidade, com o mundo. Assim posto, o mundo rural, nas suas particularidades, deve ainda ser considerado enquanto "lugar onde se vive (particularidades do modo de vida e referência "identitária") e lugar de onde se vê e se vive o mundo (a cidadania do homem rural e sua inserção na sociedade nacional)"⁹.

Pensando com a autora, realçamos o entendimento do rural como lugar de vida nas suas múltiplas dimensões e, como tal, passível de mudanças, permanências, combinações, superações e geração de novos parâmetros de relações socioculturais. Assim, interpretamos as relações encontradas na localidade em estudo (Jenipapo, Sebastião Leal-PI-BR) como oriundas da dinamicidade vivida e constituídas pelas relações de trabalho, práticas de lazer, sociabilidades religiosas, práticas culturais, relações de gênero, intergeracionais dentre outras; balizas da conformação, regulação e reprodução do modo de vida local. Entretanto, o rural aqui tomado estabelece os intercâmbios referidos sob condições assimétricas; mais sofrendo os impactos e mudanças do que as provocando, embora seja possível encontrar práticas de resistência nas sociabilidades nativas¹⁰, como veremos adiante.

No município Sebastião Leal (PI), as trocas socioculturais e comunicativas, materializadas na convivência com o agronegócio, a televisão, a internet, o celular, as estradas, os maiores deslocamentos entre campo e cidade, bem como as migrações temporárias imprimem relevantes mudanças no cotidiano da localidade, impactando os modos de reprodução de saberes e práticas coletivas tradicionais. Neste cenário, evidencia-se a ascensão do agronegócio no sudoeste piauiense como alavancador das trocas.

Na década de 90 o agronegócio chega ao sudoeste do Piauí, iniciando a ocupação dos cerrados sob novo prisma e gerando outra representação acerca dos mesmos. Com isso, o estado passa a compor a região Mapiatoba, a última fronteira agrícola do país, ao lado dos estados do Maranhão, Tocantins e Bahia. O agronegócio emerge no Piauí diante do esgotamento das atividades dos "projeteiros", os primeiros produtores da agropecuária

⁷ Veiga, Jose Eli da, Nascimento de outra ruralidade, In. "*Estudos Avançados*", São Paulo, Vol. 20, n.º 57, mai/ago 2006. Disponível em: <<http://periodicos.usp.br/eav/article/viewFile/10164/11750>>. Acesso em: 10 mai. 2014; Carneiro, 1998, *op. cit.*; Warderley, 1997, *op. cit.*

⁸ Wanderley, Maria de Nazareth Baudel, A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural, In. Giarracca, Norma. (org). ¿Una nueva ruralidad en América Latina? CLACSO-Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2001, p. 32. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>>. Acesso em 25.ago.2010.

⁹ Wanderley, *op. cit.*, 32, grifos no original.

¹⁰ Silva, Valéria, Rabicheiros e bazuqueiros: identidades juvenis rurais na diáspora do agronegócio, In: "*III Reunião Equatorial de Antropologia/XII ABANNE*", Boa Vista-RR, 2011b. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/213993760/Anais-III-Rea>>. Acesso em: 03 mai. 2014.

modernizada que aterrissaram em solo piauiense, na década de 70, para o plantio de caju e para a pecuária, com incentivos financeiros dos governos federal e estadual.¹¹ Diante do definhamento econômico dos projetos e da não confirmação das expectativas delineadas, os “projeteiros” abandonaram as terras piauienses, abrindo, deste modo, espaço para a entrada dos fazendeiros do agronegócio do Sul e Centro-Oeste do país. Como resultado, tem-se a revalorização do solo anteriormente ocupado pelas atividades dos “projeteiros”, financiadas pela SUDENE¹².

O agronegócio, com suas características da monocultura (mecanização, insumos agrícolas e produção em larga escala), vem introduzindo novas lógicas de trabalho e de sociabilidades no espaço da produção, bem como instalando novas paisagens e novos modos de relação com a terra; novos destinos aos produtos agrícolas da região etc., a partir da sua inserção no mercado global de *commodities*, articulado em torno das *trades*.

Para a instalação de grandes fazendeiros da monocultura nos cerrados piauienses foram imprescindíveis os incentivos fiscais e financeiros do governo do estado e assim também o foi em Sebastião Leal – sede atual das três grandes fazendas Chapada do Céu/Girassol, Trento e Progresso e, em breve, de uma quarta, conforme verificamos na última ida a campo¹³. Esse município, localizado no sudoeste do estado do Piauí, a 435 km da capital Teresina, foi emancipado em 1994 – desmembrado dos municípios de Bertolínia e Uruçuí –, e possui uma população estimada de 4.189 habitantes, em uma extensão territorial de 3.151,92 km², com densidade demográfica de 1,31 hab/km², conforme dados do IBGE (2014). O último censo realizado, em 2010, mostrou sutil diferença da população em relação ao gênero (2.151 homens e 1.965 mulheres) e em relação à zona de ocupação: 2.194 habitantes da área rural e 1.922 da urbana¹⁴.

De outro ponto de vista, Sebastião Leal tem um comércio pouco expressivo e uma rede de serviços ainda incipiente. Da avenida principal, visualizamos os estabelecimentos comerciais dispostos na beira da avenida – farmácia, lojas de vestuário feminino, padaria, churrascaria, lanchonete, agência bancária, cabelereiros, mercado de frutas, igrejas evangélicas, posto telefônico – e o trânsito de caminhões e tratores das fazendas de soja (*Glycine max*) de lado a lado com motocicletas e carroças. O município tem escolas com ensino de fundamental e médio, dispõe de transporte público para que os moradores se desloquem às escolas fora de suas localidades, pois buscando racionalizar o uso de recursos – como diz a prefeitura – os estudantes são concentrados em algumas das escolas, de maior porte, distribuídas por todo o município. Na única escola existente próxima à localidade estudada, de pequeno porte, há o ensino de algumas séries fundamentais no mesmo ambiente e em horário simultâneo (ensino multi-seriado) e uma só professora para todas as séries¹⁵.

¹¹ Moraes, Maria Dione Carvalho de, Do destino pastoril à vocação agrícola: modernização agrícola dos cerrados e inflexões discursivas nas narrativas mestras do Piauí, In: Elias, Denise e Pequeno, Renato (Orgs.). *Difusão do agronegócio e novas dinâmicas sócio-espaciais*, Fortaleza, BNB, 2006, 173-209; Silva, 2011a, *op. cit.*; Dantas, K. P. e Monteiro, M.S.L., Custos dos efeitos internos da produção de soja no cerrado piauiense, In: “*Revista Brasileira de Economia e Sociologia Rural*”, vol 48, n.º 4, out/dez 2010.

¹² Silva, 2011b, *op. cit.*

¹³ Na citada ocasião, presenciamos a abertura de áreas dos cerrados para instalação de uma quarta grande fazenda, pertencente a proprietário proveniente do Mato Grosso, o qual nos concedeu entrevista.

¹⁴ Na eventualidade de situarmos Sebastião Leal dos marcos da discussão apresentada por Blume, *op. cit.* e Veiga, *op. cit.*, quanto à perspectiva normativa do que venha a ser o rural e o urbano, este município dificilmente figuraria na condição de urbano, em face das características socioeconômico-culturais ali encontradas.

¹⁵ Silva, 2011b, *op. cit.*

Dados do censo de 2010 revelam que 432 habitantes da cidade com 10 anos de idade ou mais possuem ensino fundamental completo e médio incompleto, 2.565 não possuem instrução e têm ensino fundamental incompleto, apenas 66 têm superior completo e 25 frequentavam especialização de nível superior.¹⁶

Em relação à saúde, existe um estabelecimento de saúde do SUS, com prestação de serviços ambulatoriais, mas sem internação e atendimento de emergência e de discreta incorporação tecnológica. Não há equipamento de ressonância magnética, eletrocardiógrafo, eletroencefalógrafo, hemodiálise, mamógrafo, tomógrafo ou ultrassom *dopler*. É habitual, portanto, o deslocamento dos moradores para cidades próximas – Bertolínia, Uruçuí ou Floriano – ou para a capital, a depender do tipo de enfermidade. As equipes da estratégia PSF ainda são pouco perceptíveis no cotidiano dos moradores.

Sobre a economia rural, na lavoura teve-se, em 2012, a produção de 55.851 toneladas de milho (valor da produção: R\$ 29.043,00), 24.049 toneladas de soja (R\$ 18.085,00), 892 toneladas de mandioca (R\$ 107.000,00), 26 toneladas de feijão (R\$ 562.000,00) e 3.813 toneladas de arroz (R\$ 2.745,00). A partir da experiência e das informações do campo foi possível depreender que a produção de mandioca, feijão e arroz se deu em pequenos estabelecimentos agrícolas, enquanto a soja é produzida nas fazendas do agronegócio. A experiência etnográfica mostrou que o milho e o arroz são produzidos nos dois tipos de estabelecimentos e que há ainda a plantação do algodão nas grandes fazendas.

A geração de renda dos habitantes, em moeda, provém especialmente dos trabalhos permanentes ou temporários (colheita e plantio) nas fazendas de soja – apesar de inexpressivo –, do comércio varejista, do funcionalismo público e da agricultura de abastecimento¹⁷ por meio do pagamento de diárias para realização de serviços agrícolas. O censo de 2010 identificou 3.754 moradores com renda inferior a 3 salários mínimos, correspondendo, portanto, a 89,6% da população de Sebastião Leal e 33,5% dos locais tinham renda per capita de 0 a 1 salário mínimo. Dados coletados em 2003 registraram um índice de pobreza de 52,77%, pobreza subjetiva de 64,31% e Índice de Gini de 0,33. Apesar disso, em decorrência do agronegócio, o PIB per capita de Sebastião Leal, em 2011, foi de R\$13.785,11 e, em 2010, o IDHM de 0,562. As fazendas do agronegócio, como se pode depreender, não promovem expressiva geração de renda para a população, como encontrou Silva:¹⁸

o resultado da equação **extensão da terraXposto de trabalho gerado** impressiona pela magnitude. Por meio de uma simples operação aritmética chegamos à conclusão de que, na Fazenda Progresso, são necessários 185,4 ha de terra explorada para gerar cada um dos postos de trabalho, enquanto que na Fazenda Chapada do Céu/Girassol são necessários 135,1 ha. Conforme os dados demonstram, a grande plantação do agronegócio não vem gerando os tantos empregos que o discurso hegemônico em torno da soja tem prometido, justificando os massivos investimentos governamentais.

¹⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. *Censo Demográfico*. Brasil: 2010.

¹⁷ Godoi, Emília Pietrafesa de, *O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*, Campinas, UNICAMP, 1999; Moraes, Maria Dione Carvalho, *Memórias de um sertão desencantado* (modernização agrícola, narrativas e atores sociais nos cerrados do sudoeste piauiense), Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, UNICAMP, 2000, 475 p.

¹⁸ Silva, Valéria, Pequenos municípios e agronegócio: dinâmicas e impactos em Sebastião Leal-PI, *In. "Informe Econômico"*, Ano 16, n.º 31, jun/2014, Teresina, UFPI, 2014, 75, grifos no original.

As empresas de agronegócio também não participam do comércio local, seja comprando ou vendendo seus produtos - exceção para o varejo praticado em relação ao milheto¹⁹ - e não realizam investimentos diversos na cidade.

Em uma região historicamente marcada pela agricultura de abastecimento, em processos de produção baseados em técnicas tradicionais e no trabalho familiar, a chegada do agronegócio provoca um profundo impacto social, ambiental, cultural e econômico especialmente para as localidades diretamente atingidas pelas mudanças. Isto porque as localidades passam a lidar de modo estreito com novas lógicas de produção e comercialização, com processos de racionalização da vida, para além das trocas de saberes tradicionais intergeracionais, estabelecidas por meio dos fluxos culturais local-global e rural-urbano. Instalados os novos processos, verificamos as rotinas laborais precarizadas, o desperdício do conhecimento acumulado intergeracionalmente, a perda da autonomia sobre o processo do trabalho agrícola, mas também surge a possibilidade de assalariamento - grande atrativo para os jovens, em virtude de criar maiores possibilidades de consumo - e alguma aquisição de conhecimento técnico-científico sobre o trabalho agrícola, também buscado pelos mais jovens²⁰.

Nesse cenário interessa-nos compreender de que modo as práticas coletivas tradicionais locais - como o adjunto do babaçu, o arrobo do boi (*Gado vacum*), as celebrações religiosas, as vaquejadas, a coleta do buriti (*Mauritia flexuosa*) e do pequi (*Caryocar brasiliense*), as limpas de roça, as colheitas, as feitura de alimentos diversos, as festas etc -, que sustentam a reprodução de um modo de vida ancorado em sociabilidades dantes orientadas pelo interconhecimento e parentesco²¹, calendários naturais, particular relação com a terra etc, são impactadas pelo agronegócio, pelas novas referências que lhes chegam pela telemática e deslocamentos feitos por alguns, tendo por referência também o contexto maior em que está inserido da globalização econômica e mundialização cultural. Para isso, analisaremos uma prática específica: o adjunto do babaçu, por meio da etnografia, a entrevista semi-estruturada e a fotografia.

Práticas coletivas locais: permanências e trânsitos no Jenipapo

A localidade Jenipapo situa-se a 6 km da cidade, distância normalmente percorrida por motocicletas e pelo ônibus escolar que, além dos estudantes, transporta gratuitamente os moradores, visto não haver transporte comercial para as localidades rurais. Ali existem 33 casas, quase todas distribuídas ao longo da via, habitadas por volta de 120 pessoas. As casas são, na sua maioria, construídas de adobe, rebocadas e caiadas em cores variadas e cobertas de telha (mais antiga ou de modelo canal). Têm piso de cimento 'queimado' e, algumas, piso de cerâmica. Apenas 02 casas têm teto coberto com palha de buriti, como antigamente predominante. Os tetos variam entre madeira roliça ou serrada, ambas provenientes do cerrado. Algumas construções mais recentes vêm adotando o tijolo de seis furos e a madeira serrada. Todas as casas possuem energia elétrica e em quase totalidade encontramos água encanada, assim como banheiro asséptico, seja interno ou externo a casa.

¹⁹ Trata-se do *Pennisetum glaucum*; pequeno grão similar ao sorgo. Segundo os locais essa cultura, introduzida no cerrado pela monocultura da soja, hoje é largamente utilizada na alimentação das galinhas, por ser de preço mais baixo que o milho (*Zea mays*) e de consumo possível a animais jovens e adultos. Do estágio de compra do produto, os agricultores vêm passando a ocupar alguma área na plantação da roça familiar com o citado grão - o que evidencia mais uma mudança trazida pelos novos habitantes do lugar.

²⁰ Silva, 2011a, *op. cit.*

²¹ Woortmann, E. Teorias do campesinato. In: *Herdeiros, Parentes e compadres*. São Paulo-Brasília/Hucitec-Edunb, 1995, 30-66.

As fontes de água são o próprio brejo, antigamente a única, um açude que serve ao gado e os poços. Desses, os mais antigos (tipo cacimbão) estão presentes em quase todas as casas. Do poço perfurado se origina um chafariz com 03 torneiras, as quais, no passado, serviram a todos que ainda não haviam “puxado água pra casa”, e um cano alimentador de uma caixa d’água que serve a todos os moradores.

O cotidiano da via central é dinamizado pelas constantes motocicletas, do ônibus escolar, de homens e mulheres deslocando-se para o trabalho e para a cidade. Há trânsito de cachorros, galinhas, cavalos e bois, compondo mais claramente a cena de um rural como costumamos projetar. Diferentemente do passado, os animais do criatório são mantidos presos em virtude dos campos de soja, que não são cercados.

Na localidade existe uma estrutura mínima de equipamentos à qual recorrem os locais: 01 casa de farinha de ‘projeto’ e 01 de propriedade privada, 01 piladeira de arroz; 01 mercadinho, 01 clube, 01 bar; 01 venda de gasolina²², 01 venda de gás; 01 escola, 01 igreja católica. Não há posto de saúde e a presença do Programa Saúde da Família (PSF)²³, por meio dos seus agentes, não é regular, sequer algo frequente.

É na igreja que acontecem as celebrações coletivas de maior destaque da comunidade: o festejo de São Lázaro (fevereiro), a Via Sacra da Semana Santa (março ou abril), as celebrações semanais encabeçadas pelas lideranças locais, alguma novena, a missa e os batizados e casamentos. Velórios e sentinelas acontecem na própria casa dos mortos ou moribundos, respectivamente, constituindo-se em momentos coletivos de costura dos laços de solidariedade e de reafirmação dos afetos. Os bailes do clube acontecem durante os festejos, no sábado de aleluia, no dia 1º de janeiro ou em ocasiões outras que passem a despertar o interesse dos locais e adjacências.

A agricultura é feita na área dos “baixões”, onde a terra é fértil e propícia à policultura. Planta-se na roça arroz, feijão, mandioca em terra arada por trator. Na sistemática entendida aqui por provisionamento, as famílias se alimentam do que produzem, mas também comercializam o excedente, além do pequi e do buriti, e adquirem com tais recursos produtos outros produtos advindos da indústria ou de regiões/culturas diversas.

Algumas poucas famílias cultivam áreas às margens do brejo, com práticas de desmatamento e queima do terreno, também soltando o gado para pastar nas capoeiras²⁴ ou as gramíneas nascidas no tempo das chuvas.

As práticas coletivas estão presentes tanto no trabalho da roça, quanto na devoção, no extrativismo e no lazer local. Como se pode ver, o modo de vida encontrado no campesinato em discussão exhibe uma complexidade de pautas, práticas e vivências, em curso dialógico com o seu entorno – as quais constituem espaço de intensas sociabilidades – organizando, gerando sentidos e criando as condições para a reprodução local nos atuais termos ali delineados. Não obstante a relevância de todas as atividades e de cada uma delas para a reprodução do modo de vida local – retraduzidas ou não pelas trocas da contemporaneidade – nos limites deste trabalho analisamos o adjunto do babaçu.

²² Como nas demais localidades da região, também no Jenipapo vende-se gasolina acondicionada em vasilhame *pet*.

²³ Programa do Ministério da Saúde/Governo Federal que prevê o atendimento à saúde da população brasileira nas Unidades Básicas de Saúde ou nos domicílios, por meio da visita dos agentes de saúde (médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem e agentes comunitários de saúde).

²⁴ Área de roça que já teve seus legumes colhidos.

O adjunto do babaçu

Em primeira observação o adjunto constitui-se num trabalho coletivo das mulheres rurais, facilmente encontrado no meio rural do Piauí. Objetiva a quebra do coco babaçu para retirada da amêndoa destinada ao fabrico artesanal de azeite, dentre outros produtos. Na localidade, durante os percursos etnográficos realizados, as mulheres não souberam apontar quando e porque iniciaram o trabalho conjunto, acreditando que possivelmente tenham se inspirado no trabalho na roça, onde os agricultores realizam mutirões de limpa e colheita. Entretanto, em campo, não conseguimos reunir evidências da precedência do trabalho coletivo masculino em relação ao feminino. No Jenipapo, seja para o consumo doméstico, para gerar renda própria ou ainda para ambos, todas as mulheres jovens e/ou adultas quebram coco babaçu. Reunindo pessoas de diferentes faixas etárias a atividade caracteriza-se como intergeracional.



Figura 1. Adjunto do coco babaçu: trocas femininas intergeracionais. Jenipapo, S. Leal-PI, maio de 2012. Fonte: Valéria Silva.

Conforme ocorre com outros trabalhos da agricultura do provisionamento, também o babaçu é utilizado para consumo familiar, bem como via de alguma capitalização feminina, somada ao criatório de galinhas, especialmente para aquelas que não têm outra atividade econômica propriamente dita e assim compreendida localmente, como é o caso da maioria das mulheres rurais.

No caso em apreço o adjunto sempre acontece na casa da “dona dos cocos”²⁵, o que faz o grupo de mulheres percorrer quase todas as casas da localidade, num ritual repetido mais de uma vez por semana e por todo o ano. No Jenipapo as amêndoas provenientes do adjunto são utilizadas no fabrico do azeite para consumo doméstico e, em alguns casos, para a venda do seu excedente, cujo recurso é administrado pela mulher. Na época da construção das informações o litro de azeite custava R\$ 10,00, necessitando-se de três litros de amêndoas para produzi-lo.

²⁵ Existem localidades rurais que possuem um local fixo para a quebra coletiva do babaçu.

O trabalho das quebradeiras ocorre em meio às suas atividades domésticas de reprodução²⁶ e atualmente, junto às mais jovens, é também combinado com as atividades escolares. Desse modo, o adjunto apenas começa por volta das sete horas, quando as providências em relação ao café da manhã, às crianças, ao almoço da família e ao pequeno criatório já foram tomadas. Essa rotina é parte constitutiva da divisão social do trabalho e da correspondência de papéis na dinâmica camponesa local.

No caso das famílias em que o marido está empregado temporariamente nas fazendas de soja a mulher fica mais desobrigada de providenciar o almoço e assim faz a refeição no próprio adjunto, como será explicado adiante. Essa condição permite, por vezes, que ela e os filhos pequenos permaneçam no local por todo o dia, apenas retornando a casa no fim da tarde. Se durar apenas um dia, o adjunto se encerra por volta das 17 horas ou quando acabar os cocos. Não há celebração prévia dessa regra, mas uma orientação cultural das trocas locais que faz com que as mulheres se organizem de tal maneira.

Uma vez liberadas “das obrigações de casa”, as quebradeiras, munidas de machado, cacete²⁷ e um pequeno vasilhame plástico, de alumínio ou cuia, o qual permanecerá junto a si, recebendo as amêndoas por ela retiradas. As quebradeiras com filhos pequenos e que não dispõem de alguém para auxiliar no cuidado com as crianças (mãe, avó, tia) levam-nas para o adjunto. No ambiente deste trabalho, portanto, como também nos demais trabalhos da família rural, a presença de crianças de todas as idades é algo comum, reafirmando tais momentos como de experiências pedagógicas. Porém, diferentemente de outros trabalhos rurais, as crianças não participam da quebra do coco, talvez em função do risco maior implicado no manuseio do machado; o que evidencia o cuidado dos adultos com a medida exata de envolvimento infantil em cada atividade laborativa: em dimensões e natureza.

No espaço repicado pelos sons da interação quebradeira-cacete-coco-machado e pelas vozes das demais as crianças brincam com os cocos, com as cascas, correm pelo entorno, choram e se calam. São amamentadas ou recebem o alimento preparado (de acordo com as idades), dormem e acordam. Se muito pequena, a criança adormece e é posta numa rede da dona da casa, armada no quarto ou sob as árvores próximas. É também no fogão da anfitriã que se põe o alimento da mamadeira para esquentar, se necessário. Essa relação evidencia um forte trânsito entre as dimensões público-privado, onde há a partilha social de ambientes e pertences que originalmente situam-se no campo mais reservado da vida familiar.

²⁶ Carneiro, Maria José, *Terra da pobreza: um estudo antropológico de uma comunidade rural piauiense*, 1976, 190f, Dissertação (Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio Janeiro), Rio de Janeiro, 1976.

²⁷ Conforme explica Silva, 2011a, trata-se de um pequeno pedaço de madeira, medindo por volta de 40 cm de comprimento e com 05 cm de diâmetro, escolhido dentre as madeiras mais resistentes e pesadas, com o qual se bate no coco babaçu colocado contra o gume do machado; este tendo o cabo preso sob a perna da quebradeira. Em alguns locais do Nordeste é também chamado de macete.



Figura 2. Adjunto do coco babaçu: sociabilidades, partilhas e cuidados. Jenipapo, Sebastião Leal-PI, maio de 2012. Fonte: Valéria Silva.

É comum no dia do adjunto as filhas casadas virem à casa da mãe quebrar o coco e também ajudar no preparo da alimentação, combinando os dois trabalhos com o cuidado das suas próprias crianças e das demais que permanecem transitando no ambiente. É essa prática de reciprocidade²⁸ que permite a presença da mulher com filhos no adjunto, dando viabilidade à sua sobrevivência social e material, uma vez que de outra maneira a mesma ficaria impossibilitada de partilhar dos encontros e não acessaria o produto material e simbólico resultante da quebra coletiva do coco.



Figura 3. Ambiente do adjunto de coco babaçu com a casa da família ao fundo. Jenipapo, Sebastião Leal-PI, maio de 2012. Fonte: Valéria Silva.

²⁸ Menezes, Marilda Aparecida de. Reciprocidade e campesinato, *In.* Martins, Paulo Henrique (org), *Polifonia do Dom*, Recife, Ed. UFPE, 2006.

A quebra do coco acontece numa casa coberta com palha de babaçu, sem paredes, ou – mais comum – na sombra de uma árvore. Por todo o dia este será *um ponto de encontro, de sociabilidades* na localidade. Ali param os que passam na rua, idosos, crianças, pessoas do sexo masculino, os quais não se envolvem na quebra. Todos conversam igualmente, tomam café, partilham do ambiente constituindo um momento rico de sociabilidades locais. Chegada ao local, a quebradeira prepara o ambiente de trabalho. Arruma um assento no chão próximo ao monte de cocos disponibilizado pela dona da casa; aproxima uma parte dos cocos de si e acomoda-se para iniciar seu trabalho, mas não sem antes cumprir o ritual de entrada no grupo: cumprimento às demais, alguma brincadeira, algum comentário sobre o dia anterior e considerações sobre algum outro adjunto. Neste, os fatos cotidianos mais comentados eram a falta de energia na localidade (que assim permaneceu por uma semana) e um crime ocorrido na cidade de Bertolínia, pequena cidade a 19 km. Os comentários sobre a energia revelavam a omissão do poder público, a dificuldade de tratar com as instituições, agências do Estado; a pouca compreensão das lógicas de procedimento, responsabilidades e alcances da burocracia do Estado, bem como as fragilidades da própria e suposta condição cidadã partilhada no local. Sobre o assassinato, esse se agigantava nas narrativas ‘em neon’, impondo o tratamento de questões como adultério, trio amoroso, formação de quadrilha para o crime, ocultação de cadáver, uso de drogas, migrações etc., alguns aspectos incomuns ao lugar e relacionados às dinâmicas das cidades grandes, originários das relações complexas e amparados pelo anonimato, mas naquele momento ocupando o núcleo central das sociabilidades daquele grupo social de uma comunidade rural do sudoeste do Piauí, muito distante da sua capital. O celular e a televisão penetravam no ambiente costurando relações, estupefações e vereditos, convocando a todas ao debate e a ninguém permitindo o silêncio.

Já com o machado sob a perna dobrada, a quebradeira escolhe um primeiro coco a ser partido, inaugurando uma longa série de repetições do hábil gesto. Todas cumprem esse roteiro não combinado verbalmente, mas consolidado a partir de vivências transgeracionais existentes há décadas. Entre pancada/quebra/retirada da amêndoa-pancada/... seguem conversando, contando piadas, atendendo aos filhos, falando da sua vida, atualizando, assim, o cotidiano e os códigos do lugar. Quando os adjuntos anteriores vêm à baila surgem as considerações sobre quem quebrou mais, quem foi embora cedo, quem “é mole”, quem “vem mesmo”. Por meio desses atributos que vão delineando as identidades atribuídas e reconfirmadas pelo grupo a cada uma das quebradeiras que dele participam, são confirmados os lugares sociais que cada uma ocupa nas relações mantidas por todas.

Tratam também sobre os programas da televisão, especialmente as novelas, que chegam pelas parabólicas de suas casas, estas adquiridas comumente com os recursos acessados através do trabalho dos homens nas fazendas de soja do agronegócio, assim como os celulares que, de vez em quando, substituem o cacete nas mãos femininas enquanto ágeis movimentos buscam um vídeo para partilha com as demais ou a música preferida por todas, a qual foi “baixada da internet”. Das novelas comentam sobre os enredos e os personagens com uma familiaridade e naturalização inquietantes, trazendo para o ambiente de suas vidas personagens, histórias e trajetórias urbanas virtuais, inseridas em contextos culturais distantes e estranhos àqueles que partilham; com isso borrando as fronteiras que marcaram as análises dicotômicas da relação rural-urbano, conforme nos apresentam Sorokin e Mendras, já referidos neste trabalho.

No Jenipapo não raro o amontoado de cocos resultante da coleta familiar divide a cena com um equipamento de última geração tecnológica, a antena parabólica, que a todo instante traz notícias fresquinhas de todo o mundo, assim como também do Brasil, intercambiando a vida local com as dinâmicas globais.



Figura 4. Secagem do coco babaçu ao sol e antena parabólica. Jenipapo, S. Leal-PI, maio de 2012.

Fonte: Valéria Silva.

Na localidade a maioria das mulheres “ajunta o coco” nas pequenas propriedades da família, ocorrendo também o arrendamento dos cocais por parte daquelas que não possuem terras ou que não têm coco babaçu em suficiência. O pagamento da renda é feito em azeite de coco e o acordo varia de “meia”, até de 4/1. Além do arrendamento, também existe a prática da doação por parte de quem “não aproveita o coco”, para mulheres da sua relação de parentesco, vizinhança e/ou amizade. Nesse caso também há retribuição em forma de azeite por quem recebe a dádiva, porém a quantidade a retornar é decidida pela agora dona do azeite e não obedece a um parâmetro racional, como no caso do arrendamento.

Não há quantidade mínima, nem máxima de mulheres para compor o adjunto. O campo apontou que o total de pessoas presentes depende das (im)possibilidades de cada mulher naquele dia. Algumas mulheres vêm ao adjunto, voltam em casa para providências e retornam novamente, conferindo certa rotatividade às presenças. Pudemos perceber que a permanência ininterrupta depende também do vigor das relações comunitárias mantidas pela “dona do coco”. Algumas mulheres informam que estão ali “porque ela [a dona dos cocos] sempre quebra pra mim e eu pra ela”; “porque ela quebrou pra mim no meu adjunto”. Comentários sobre a pessoa também surgem nas justificativas de presença no adjunto. “Ela é uma boa pessoa”; “uma pessoa de acordo”; “é gente da gente”. Assim, para poder receber o fruto do trabalho coletivo, sem dispêndio financeiro, a mulher tem de estar incluída no circuito das sociabilidades locais, alimentando as relações, realizando trocas materiais e simbólicas.

As mulheres mais jovens por vezes trabalham por pagamento em dinheiro, na sistemática de diária, apropriando-se da renda gerada. Assim o fazem porque o trabalho no adjunto para o grupo familiar é feito pela mãe, liberando-a de tal compromisso coletivo, posto que solteira. O dinheiro gerado é aplicado em despesas pessoais, o que pode incluir, no caso em análise, sapatos, roupas de marca, perfume Natura, celular e/ou outros produtos, às vezes, adquiridos pela internet, com o uso do cartão de crédito.

À medida que o amontoado de cocos situado no centro do adjunto diminui, a dona do adjunto vai fazendo a reposição a partir de um monte bem maior que fica próximo, secando ao Sol ou já anteriormente transportado para o local da quebra, como diz Dona Bela: “Eu tenho de ajear as

muié, né? Os coco é meu, tenho de ajeitar”. Simultaneamente, vai retirando as cascas que se avolumem próximo a cada quebradeira, as quais serão utilizadas para o fabrico do carvão para cozinha, e as leva para um lugar apropriado. As atividades do coco são um trabalho da mulher, visto que no mesmo horário o marido normalmente se encontra desenvolvendo as atividades da roça.

Pudemos ver que a agilização providenciada cumpre também certa divisão/racionalização do trabalho, no sentido de otimizar o rendimento do turno cumprido. A dona da casa *livra-se* de parte mais exigente do trabalho e, simultaneamente, evita que o tempo das quebradeiras seja utilizado com o transporte dos cocos e das cascas entre o quintal e o local da quebra, interferindo negativamente na produtividade final do dia trabalhado.

O monte de cocos que descansa no quintal e ao qual recorre a dona da casa desnuda o exigente trabalho já realizado pela família dias antes ou, às vezes, apenas pela mulher da casa, auxiliada por jumentos e/ou cavalos: a cata do coco no mato. Os frutos são catados um a um, por meio de trabalho manual, debaixo das palmeiras de babaçu que possuem cachos maduros, portanto, apropriados para a quebra. Já em casa serão expostos ao sol, pois no dia do adjunto os cocos deverão estar secos, do contrário a amêndoa não soltará facilmente, provocando perdas de amêndoa e de tempo das quebradeiras. Assim, é do interesse de todas – especialmente da “dona dos cocos” – a anterior secagem dos frutos.

Além de gerenciar o adjunto é também obrigação da “dona dos coco” oferecer o almoço para as quebradeiras. A ela e à sua família cabe o preparo da comida e da garrafa do café tomado durante a quebra, combinando a assistência ao coco com a vigilância às panelas.



Figura 1. Dona da casa 'ventando' arroz para o almoço. Jenipapo, S. Leal-PI, maio de 2012.
Fonte: Valéria Silva.

Dos cardápios servidos na refeição, é comum aquele composto por feijão, arroz e frango frito. O feijão provém da roça da família, o arroz do comércio da cidade, “porque não vale a pena plantar, mais não. É mais barato comprar”, como informa o Seu Marcos que trabalha de roça há mais de cinquenta anos. Conforme diz, o arroz proveniente do agronegócio existente “no Goiás”, por se tratar de produção em escala, reduziu o preço do mesmo, não compensando ao agricultor pagar diárias cobradas “a preço de fazenda (de soja)” para cultivar o grão. Esse fenômeno tem implicado na mudança da escolha de quais cultivares manter nas roças locais, sendo o arroz paulatinamente abandonado. Pudemos perceber que a possibilidade de compra também tem sido viabilizada pela injeção de capital vinda de programas sociais, como o bolsa-família e a aposentadoria rural.

Uma constatação que não é imediatamente visível é o fato dos agricultores locais, ao consumirem o arroz produzido pelo agronegócio, aquecerem essa sistemática de produção e, por extensão, passar a fazer parte do processo de modificação das relações no campo que o agronegócio desencadeia, tanto em relação à posse/uso/propriedade da terra quanto ao tipo de exploração do trabalho e do solo, a exemplo do que enfrentam localmente em relação à produção de soja, milho e algodão hoje em franca expansão nos cerrados piauienses.

O frango servido às quebradeiras é o frango de granja, produzido em escala e adquirido no comércio de Sebastião Leal. Também neste item é a lógica aritmética que orienta a escolha. Para a mulher agricultora a galinha caipira é produto mais caro, sendo economicamente inviável o seu emprego na alimentação das trabalhadoras. A galinha é reservada como capitalização para alguma necessidade futura, por meio da venda, ou é destinada ao consumo próprio em situações especiais. Seja pelo consumo do milheto ou do próprio frango de granja os agricultores vêm fazendo parte do mercado local/regional, o qual dialoga com os processos nacionais e globais de produção, circulação e consumo de produtos.

Quanto ao almoço, pudemos perceber que nem todas as quebradeiras usufruem do momento coletivo. Algumas, em face de compromissos familiares, por volta do meio dia levam o prato oferecido para casa ou seguem para almoçar sua própria comida preparada anteriormente. De lá retornam após lavar a louça do almoço, em torno das duas e meia da tarde, permanecendo no trabalho coletivo até próximo das seis horas “ou então quando o monte acabar”. No caso, trata-se de todo os cocos coletados pela dona do adjunto para a citada ocasião.

Considerações finais

Quando os fluxos culturais tornam-se globalizados, as práticas e as identidades culturais são flexibilizadas, tornando-se menos vinculadas a tempos, lugares, narrativas históricas e tradições. Por outro lado, num cenário de múltiplos cruzamentos culturais, atores sociais podem se organizar em torno de códigos específicos de autoidentificação, de memórias territorializadas, fortalecendo suas referências, alcançando maior visibilidade de suas práticas e particularidades simbólicas, tornando assim os elementos distintivos da comunidade cultural reconhecidos pelos diversos Outros com o quais dialoga e dos quais se opõe.

Se, no contexto urbano, as experiências de pertencimento cultural - a constituição dos indivíduos enquanto sujeitos pertencentes a determinado grupo -, respondem cada vez mais às construções e veiculação de narrativas midiáticas sobre o que venha a ser sulista ou piauiense; no cenário rural, a lógica parece ser outra. A produção de identificações com a comunidade rural se dá mais em torno da transmissão de saberes intergeracionais, de memórias e práticas compartilhadas, de papéis sociais e, por conseguinte, da reprodução do modo de vida local, o que está, assim, intimamente associado ao reconhecimento e à valorização da cultura do grupo pelo próprio grupo.

Com o trabalho de campo pudemos perceber que a prática coletiva do adjunto do babaçu está presente na sustentação do modo de vida do Jenipapo, contribuindo para o seu reforço, mas sem concebê-lo clausura cultural. Ao invés disso, a reprodução se revela a partir de intercâmbios culturais entre local-global e rural-urbano. A etnografia do adjunto expôs certa racionalização no trabalho e no consumo, bem como a expansão deste último. Preferem comprar o arroz e o frango no comércio local para otimizar o orçamento, cumprindo um duplo movimento de economia de custos com diárias de trabalho e adquirindo produtos mais baratos. Outra dimensão do consumo fica evidente a partir das antenas parabólicas, televisão e do celular, de modo que a programação televisiva e as informações compartilhadas passam a compor as narrativas do adjunto, com similar familiaridade às narrativas de acontecimentos estranhos e/ou rotineiros entre moradores da localidade. Também as compras via internet colocam a localidade no fulcro das práticas globais/regionais/locais, fazendo-a interagir com todo o arsenal cultural disponível na rede, retraduzindo-o para as particularidades na vida no lugar.

Quanto ao agronegócio se mostra no cotidiano não apenas provocando a ausência local de maridos e filhos rapazes das quebradeiras, mas também a presença de novos produtos consumidos, de novas práticas paulatinamente adotadas localmente, outras dinâmicas e relações de largo espectro, como evidenciado.

Diante dos trânsitos observados, o campo parece fornecer-nos cenários dos modos de conceber as práticas, os modos de vida e, de resto, as identidades na contemporaneidade a partir das noções de fluidez, câmbio, hibridismo e diálogos permanentes.

Bibliografia

- Blume, Roni. 'Território e ruralidade: a desmistificação do fim do rural'. 2004. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Dissertação.
- Carneiro, Maria José. 'Do "rural" como categoria de pensamento e como categoria analítica'. *Ruralidades Contemporâneas: Modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira*. Maria José Carneiro (coord.). Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2012. 23-50.
- Carneiro, Maria José. 'Ruralidade: Novas Identidades Em Construção'. *Estudos Sociedade e Agricultura* 2008. Web. 25 Aug. 2010. En: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>.
- Carneiro, Maria José. 'Terra da pobreza: um estudo antropológico de uma comunidade rural piauiense'. 1976. Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio Janeiro. Apresentação.
- Dantas, K. P. e M. S. L. Monteriro. 'Custos dos efeitos internos da produção de soja no cerrado piauiense'. *Revista Brasileira de Economia e Sociologia Rural* 48/4 (2010).
- Favareto, Arilson da Silva. 'A longa evolução da relação rural-urbano: para além de uma abordagem normativa do desenvolvimento rural'. *Ruris. Revista do Centro de Estudos Rurais-UNICAMP* 2015. Web. 2 July 2011. En: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/view/646>.
- Godoi, Emília Pietrafesa de. *O Trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas: UNICAMP, 1999.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. *Cidades*. N.p., 2014. Web. 29 May 2014. En: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. *Censo demográfico*, 2010.
- Lima, Camila Calado. *A (re)construção midiática da identidade nacional: estratégias simbólicas e político-governamentais de proposição de um modelo identitário na campanha Rio 2016, Viva Sua Paixã*. Rio de Janeiro: N.p., 2010. Projeto de pesquisa.
- Marques, Maria Inês M. 'Agricultura e campesinato no mundo e no Brasil: um renovado desafio à reflexão teórica'. *Campesinato: territórios em disputa*. E. T. Paulino e J. E. Fabrini (org.). São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- Mendras, Henri. 'A cidade e o campo'. *Sociologia Rural*. Henri Mendras et al. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

- Menezes, Marilda Aparecida de. 'Reciprocidade e campesinato'. *Polifonia do dom*. Paulo Henrique Martins (org.). Recife: Editorial UFPE, 2006.
- Moraes, Maria Dione Carvalho de. 'Do destino pastoril à vocação agrícola: modernização agrícola dos cerradas e inflexões discursivas nas narrativas mestras do Piauí'. *Difusão do agronegócio e novas dinâmicas sócio-espaciais*. Denise Elias e Renato Pequeno (orgs.). Fortaleza: BNB, 2006.
- Moraes, Maria Dione Carvalho de. 'Memórias de um sertão desencantado (modernização agrícola, narrativas e atores sociais nos cerrados do sudoeste piauiense)'. Doutorado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- Schneider, Sergio. 'Ruralidade e territórios: em busca de novas referências para pensar o desenvolvimento'. *Campo-Território: Revista de Geografia Agrária* 4/7 (2012). Web. 12 Dec. 2012.
- Silva, Valéria. 'Pequenos municípios e agronegócio: dinâmicas e impactos em Sebastião Leal-PI'. *Informe Econômico* 16/31 (2014).
- Silva, Valéria. 'Pisando em terra firme(?): identidades juvenis e reprodução social na localidade rural Roça Nova, Sebastião Leal-PI'. 2011a. Relatório.
- Silva, Valéria. 'Rabicheiros e bazuqueiros: identidades juvenis rurais na diáspora do agronegócio'. Apresentação. 2011b. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/213993760/Anais-III-Rea>>. Acesso em: 03 mai. 2014.
- Sorokin, Pitirim A., Carlo C. Zimmerman e Charles J. Galpin. 'Diferenças Fundamentais Entre O Mundo Rural E O Urbano'. *Introdução Crítica À Sociologia Rural*. José de Sousa Martins. São Paulo: Hucitec, 2015.
- Veiga, José Eli da. 'Nascimento de outra ruralidade'. *Estudos Avançados* 20/57 (2006). Web. 10 Mai. 2014.
- Wanderley, Maria de Nazareth Baudel. *O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.
- Wanderley, Maria de Nazareth Baudel. 'A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural'. *¿Una Nueva Ruralidad En América Latina?* Norma Giarracca (org.). Buenos Aires: CLACSO-Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001. 32. Web. 25 Aug. 2010.
- Wanderley, Maria de Nazareth Baudel. 'O lugar dos rurais: o meio rural no Brasil moderno'. 1997. Apresentação. Web. Mai. 2014.
- Woortmann, E. 'Teorias do campesinato'. *Herdeiros, Parentes e Compadres*. São Paulo-Brasília: Hucitec-Edunb, 1995.